Declaração à Imprensa do Presidente Obama após Encontro com Líderes de Países Bálticos

30 de agosto de 2013

Casa Branca

PRESIDENTE OBAMA: Estou obviamente muito grato por ter aqui os meus colegas Presidentes e também o Vice-Presidente. Antes de começar, gostaria de dizer algumas palavras sobre a situação na Síria.

Como vocês viram, divulgámos hoje uma avaliação não confidencial detalhando com alto grau de segurança que o regime sírio realizou um ataque com armas químicas que matou mais de mil pessoas, nomeadamente centenas de crianças. Isso dá-se depois das imagens terríveis que nos chocaram a todos.

Esse tipo de ataque é um desafio para o mundo. Não podemos aceitar um mundo em que mulheres e crianças e civis inocentes sofrem um ataque com gás numa escala terrível. Esse tipo de ataque ameaça os nossos interesses de segurança nacional ao violar normas internacionais bem firmes contra o uso de armas químicas, com a ameaça de amigos e aliados na região, como Israel, Turquia e Jordânia. E aumenta o risco de as armas químicas serem usadas no futuro e caírem nas mãos de terroristas que podem usá-las contra nós.

Portanto, disse-o antes e estava a falar a sério quando declarei que o mundo tem a obrigação de garantir a manutenção da norma contra o uso de armas químicas. Ainda não tomei uma decisão final sobre as várias acções que podem ser adoptadas para ajudar a cumprir essa norma. Mas, como já disse, as Forças Armadas e a nossa equipa analisaram uma ampla gama de opções. Consultámos os aliados. Consultámos o Congresso. Temos conversado com todas as partes interessadas.

E em nenhuma circunstância estamos a considerar qualquer tipo de acção que envolva soldados em terra; isso implicaria uma campanha de longo prazo. Mas estamos a analisar a possibilidade de uma acção limitada e específica que ajudaria a garantir que, não apenas a Síria mas outros países no mundo, entendam que a comunidade internacional se empenha em manter essa proibição e a norma de armas químicas.

Mais uma vez, repito, não estamos a considerar nenhum envolvimento sem limites. Não estamos a considerar nenhuma abordagem que envolva soldados no terreno. O que faremos é estudar opções que respondam à preocupação específica relacionada com as armas químicas, admitindo que não haverá uma solução exclusivamente militar para o conflito subjacente e a tragédia em curso na Síria. E continuarei a consultar o Congresso.

Além da divulgação do documento não confidencial, vamos fazer hoje um relato confidencial aos congressistas, e esse mesmo relato confidencial apresentado aos congressistas também será apresentado aos nossos parceiros internacionais. E continuarei a informar o povo americano à medida que tenhamos mais informações.

P: Senhor Presidente, a sua decisão sobre a Síria é iminente? E por que é que o senhor achou apropriado avançar sem autorização formal seja das Nações Unidas, seja do Congresso, em particular tendo em conta que o Parlamento britânico teve a oportunidade de votar?

PRESIDENTE OBAMA: Ainda estamos no processo de planeamento. E, obviamente, consultas tanto ao Congresso quanto à comunidade internacional são muito importantes. E a minha preferência, obviamente, teria sido que a comunidade internacional já tivesse agido de modo vigoroso. Mas o que temos visto, pelo menos até agora, é uma incapacidade neste ponto do Conselho de Segurança avançar diante de uma clara violação das normas internacionais.

E reconheço que todos nós... aqui nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, em muitas partes do mundo há um certo cansaço considerando o Afeganistão; há uma certa suspeita em relação a qualquer acção militar depois do Iraque. E eu compreendo isso muito bem. Por outro lado, é importante para nós reconhecermos que, quando mais de mil pessoas são mortas, inclusive centenas de crianças inocentes, pelo uso de uma arma que 98% ou 99% da humanidade diz que não deve ser usada nem mesmo na guerra, e não é tomada nenhuma acção, então estamos a enviar um sinal de que a norma internacional não tem grande importância. E isso representa um perigo para a nossa segurança nacional.

E, obviamente, se e quando tomarmos a decisão de responder, há uma série de considerações que tenho de levar em conta, também, em termos de eficácia. E, se pensarmos no tipo de opções que estamos a analisar, elas seriam muito limitadas e não envolveriam um compromisso de longo prazo nem uma grande operação.

Estamos confiantes de que podemos fornecer ao Congresso todas as informações de que precisam e obter toda a contribuição que possam dar, e estou muito atento a isso. E podemos ter conversas sérias com os nossos aliados e os nossos amigos do mundo todo sobre isso. Mas, em última instância, não queremos que o mundo fique paralisado.

E, francamente, parte do desafio que estamos a enfrentar aqui é que muitas pessoas acham que algo deve ser feito, mas ninguém quer fazer. E essa não é uma situação incomum. Essa é uma das coisas que permite, no decorrer do tempo, a erosão desses tipos de proibições internacionais, a menos que alguém diga: não, quando o mundo diz que não vamos usar armas químicas, estamos a falar sério.

E seria tentador deixar para outros agirem. E acho que mostrei em várias alturas e expressei diversas vezes a minha forte preferência pela acção multilateral sempre que possível. Mas não é do interesse da segurança nacional dos Estados Unidos ignorar claras violações desse tipo de normas internacionais.

E a razão é que existem diversas normas internacionais que são muito importantes para nós. Temos regras actualmente em vigor que tratam da proliferação de armas de destruição em massa. Temos normas internacionais que foram violadas por determinados países, e as Nações Unidas aplicaram sanções contra os mesmos. Mas, se houver a sensação no decorrer do tempo que ninguém está disposto a realmente aplicá-las, então as pessoas não as levarão a sério.

Portanto, sei muito bem que o mundo em geral está cansado de guerras. Certamente, os Estados Unidos passaram por mais de uma década de guerra. O povo americano, compreensivelmente, quer que nos concentremos na reconstrução da nossa economia e coloquemos as pessoas de volta no emprego. E eu lhes garanto, ninguém está mais cansado da guerra do que eu.

Mas também acredito que faz parte da nossa obrigação como líder mundial garantir que, quando se tem um regime disposto a usar armas que são proibidas pelas normas internacionais contra seu próprio povo, inclusive crianças, ele deve ser responsabilizado.